

DO CHORO AO RISO: A ADAPTAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS EM UMA CRECHE DO RECIFE PELO OLHAR DE UMA ESTAGIÁRIA

Helen Caroline Ramos da Silva ¹
Maria Jaqueline Paes de Carvalho ²

RESUMO

ISSN: 2358-8829

A adaptação de crianças pequenas à creche é um processo desafiador, envolvendo dimensões emocionais, sociais e cognitivas. Este estudo, de natureza qualitativa, analisou a transição de crianças de 2 a 3 anos em uma creche municipal do Recife, por meio da observação participante, com foco nas dificuldades iniciais e nas estratégias adotadas para tornar o período mais acolhedor. Nos primeiros dias, muitas crianças apresentaram insegurança, expressas principalmente pelo choro, como forma legítima de comunicação, sinalizando medo e necessidade de proteção, conforme destaca Ortiz (2002). A falta dos pais e o contato com um ambiente desconhecido podem gerar resistência, sendo a presença de adultos confiáveis e o uso de objetos de apego recursos importantes para favorecer a construção de vínculos, como evidenciam Rapoport e Piccinini (2001). A rotina estruturada, segundo Carvalho e Santiago (2019), proporciona previsibilidade e segurança, contribuindo para a redução da ansiedade típica da separação e permitindo que as crianças se apropriem do espaço coletivo. O acolhimento afetivo, que se manifesta em gestos simples como oferecer colo, cantar, chamar a criança pelo nome, revela-se central para a adaptação, reforçando a confiança e a sensação de proteção. Cristofolletti e Campos (2016) destacam que a afetividade sustenta o desenvolvimento emocional, cognitivo e psicomotor, mostrando que o vínculo com o educador promove a exploração do ambiente, interação com colegas e participação nas atividades. Os resultados indicam que a combinação de acolhimento afetivo, rotina estruturada, atenção dos profissionais e objetos de apego contribui para a transição do choro inicial para o engajamento, participação e riso, evidenciando um processo singular para cada criança. Dessa forma, a pesquisa evidencia que práticas pedagógicas planejadas e sensíveis, aliadas à parceria com a família, favorecem um ambiente educativo humanizado, capaz de promover o desenvolvimento integral das crianças e consolidar vínculos de confiança e segurança no espaço escolar.

Palavras-chave: Adaptação, Acolhimento afetivo, Creche, Educação infantil, Rotina.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, helen.amos@ufrpe.br;

² Orientadora e Professora Doutora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Pernambuco- UFRPE, mariajaqueline.carvalho@ufrpe.br.



INTRODUÇÃO

A entrada da criança pequena na creche constitui um momento marcante para o seu desenvolvimento e para a dinâmica familiar. Esse processo de transição, conhecido como adaptação, envolve mudanças emocionais, cognitivas e sociais, que exigem da instituição educativa práticas pedagógicas sensíveis e humanizadas. A adaptação não se resume a um tempo determinado, mas a um conjunto de experiências que possibilitam à criança estabelecer vínculos, sentir-se segura e aprender a conviver em um espaço coletivo.

Segundo Ortiz (2002), durante muito tempo a adaptação foi tratada como um “mal necessário”, em que cabia apenas à criança acostumar-se ao ambiente, sem preocupação com suas emoções. No entanto, com o avanço das pesquisas sobre desenvolvimento infantil, reconheceu-se que o processo pode e deve ser planejado pela instituição, garantindo acolhimento e respeito às necessidades infantis.

ISSN: 2358-8829

O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de adaptação de crianças de 2 a 3 anos em uma creche municipal do Recife, a partir da observação participante de uma estagiária, refletindo sobre as dificuldades iniciais e as estratégias utilizadas pela equipe pedagógica. Para tanto, serão abordados, no referencial teórico, aspectos fundamentais como a importância da rotina, o significado do choro, o acolhimento e a afetividade como eixos norteadores desse processo.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa, tendo como principal instrumento de pesquisa a observação participante. O campo investigativo foi uma creche municipal localizada no Recife, em uma turma do Grupo 2, composta por crianças com idades entre 2 e 3 anos. A creche funciona no período das 7h30 às 17h. A pesquisa contou com minha participação como estagiária, realizando estágio não obrigatório e remunerado, acompanhando a turma desde o início das aulas, em fevereiro, até o mês de setembro, de segunda a sexta-feira no período de 13h às 17h. Durante esse período, foram registradas situações que evidenciaram o processo de adaptação: manifestações emocionais, como o choro e a recusa alimentar; interações sociais com pares e adultos; e estratégias adotadas pelos educadores, como a organização da rotina e a mediação afetiva. A análise foi desenvolvida a partir do diálogo entre minhas observações diretas como estagiária e os referenciais teóricos que discutem o tema, permitindo compreender o processo de adaptação das crianças sob o olhar de quem acompanhou diariamente suas



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A adaptação das crianças pequenas à creche é um processo que exige atenção especial, pois se trata de um momento em que se estabelecem as primeiras experiências de afastamento do convívio familiar e de inserção em um espaço coletivo. Esse período é frequentemente acompanhado por sentimentos de insegurança, ansiedade e resistência, que precisam ser compreendidos pelos educadores como manifestações legítimas da criança diante de uma nova realidade. Ortiz (2002, p. 3) observa que o processo de acolhimento e adaptação é um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição, evidenciando que a forma como a escola organiza esse momento revela sua concepção de infância e de educação. Portanto, não se trata de esperar que a criança “se acostume” sozinha, mas de assumir a adaptação como parte integrante do currículo da educação infantil, exigindo planejamento pedagógico, diálogo com as famílias e práticas de acolhimento que respeitem a singularidade de cada sujeito.

Nesse contexto, a rotina assume papel central, funcionando como um elemento estruturante do processo de adaptação, pois fornece segurança e previsibilidade às crianças. Carvalho e Santiago (2019, p. 57) afirmam que a rotina é um eixo organizador das práticas pedagógicas, que dá à criança referências temporais e espaciais. Isso significa que, ao participar cotidianamente de momentos como o lanche, a roda de conversa, o descanso e as atividades de brincar, a criança constrói um repertório de experiências que lhe permite compreender como funciona o ambiente escolar. A previsibilidade gera tranquilidade, diminuindo a ansiedade típica da separação. Rapoport e Piccinini (2001) reforçam que a rotina oferece à criança uma “base segura” para lidar com a ausência dos pais, já que a repetição dos acontecimentos possibilita antecipar o que vai ocorrer e, assim, reduzir o estranhamento. Nesse sentido, a rotina não pode ser entendida como rigidez ou mera sequência de atividades mecânicas, mas como uma categoria pedagógica que articula tempo, espaço e interações. A prática docente deve buscar o equilíbrio entre a regularidade, que transmite confiança e a flexibilidade, que respeita os ritmos individuais. Quando bem estruturada, a rotina transforma-se em instrumento de acolhimento, auxiliando as crianças a desenvolverem autonomia e a se apropriarem da dinâmica da instituição.

O choro, por sua vez, é um dos fenômenos mais presentes no período de adaptação, sendo, muitas vezes, a primeira forma de comunicação das crianças ao vivenciarem a separação



familiar. Para Ortiz (2002, p. 7), o choro da criança deve ser entendido como uma linguagem que expressa medo, angústia e a necessidade de se sentir protegida. Essa perspectiva desloca o olhar do educador de uma visão reducionista, que interpreta o choro como birra, para a compreensão de que ele é parte do processo de inserção e precisa ser acolhido com sensibilidade. Segundo Rapoport e Piccinini (2001, p. 85), a reação de cada criança à separação é singular, variando de acordo com sua história de vida, sua relação com a família e suas experiências anteriores de socialização. Essa constatação mostra que não existe um tempo padrão de adaptação, pois cada criança vive esse processo de maneira particular. Enquanto algumas superam a insegurança em poucos dias, outras podem precisar de semanas ou até meses para se sentirem confiantes. Nesses casos, o choro atua como pedido de apoio, e cabe ao educador utilizar estratégias pedagógicas, experiências interessantes para o conhecimento do local e das pessoas que cuidarão e a educação a partir daquele momento. Além é claro do colo, da escuta e da presença afetiva para transmitir segurança. Longe de ser um obstáculo, o choro é parte constitutiva do processo e deve ser reconhecido como tal.

O acolhimento, por sua vez, é compreendido como um dos principais indicadores da qualidade da educação infantil. Ortiz (2002, p. 5) destaca que a qualidade do acolhimento define a qualidade da adaptação, reforçando que a forma como a criança é recebida no espaço escolar influencia diretamente sua relação com a instituição. O acolhimento, no entanto, não se limita ao momento inicial, mas deve estar presente em todo o percurso, desde a chegada da criança pela manhã até a saída para casa, incluindo situações específicas como ausências prolongadas ou retorno após doença. Carvalho e Santiago (2019) acrescentam que o acolhimento deve ser planejado como parte integrante do currículo da educação infantil, envolvendo ações que contemplem não apenas a criança, mas também as famílias e os profissionais. Reuniões iniciais, flexibilização do tempo de permanência nos primeiros dias e a possibilidade de a criança levar objetos de casa são exemplos de estratégias que favorecem a criação de vínculos. Além disso, pequenos gestos cotidianos afetuosos como: chamar a criança pelo nome, agachar-se para olhar em seus olhos ou oferecer a mão nos momentos de insegurança, comunicam cuidado e respeito, fortalecendo a confiança no ambiente.

A afetividade constitui o eixo transversal que sustenta todo o processo de adaptação. Cristofolletti e Campos (2016, p. 4) ressaltam que o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor da criança está interligado, não podendo ser compreendido de forma fragmentada. Essa afirmação evidencia que o acolhimento afetivo não apenas alivia a angústia da separação, mas também cria condições para o desenvolvimento integral da criança. O vínculo afetivo com



o educador possibilita que a criança explore o espaço, interaja com os colegas e participe das atividades com mais segurança, fortalecendo sua autonomia e autoestima. Essa perspectiva dialoga com a teoria do apego, destacada por Rapoport e Piccinini (2001), segundo a qual a presença de adultos confiáveis é fundamental para que a criança se sinta protegida em ambientes desconhecidos. Quando o professor se mostra disponível, acolhendo o choro e oferecendo proximidade, a criança desenvolve a confiança necessária para ampliar suas experiências de exploração. Nesse sentido, a afetividade não pode ser vista como mero complemento das práticas pedagógicas, mas como princípio estruturante da educação infantil. É por meio dela que a instituição se torna, de fato, um espaço de cuidado e educação, capaz de promover a adaptação de forma humanizada.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações realizadas na turma do Grupo 2 evidenciaram que o choro foi a manifestação mais recorrente nos primeiros dias de adaptação. Grande parte das crianças demonstrou insegurança ao se separar dos pais, buscando no colo dos responsáveis a segurança necessária para enfrentar o novo ambiente. Alguns recusaram-se a entrar na sala, permanecendo na porta ou agarradas aos familiares. Esse cenário está de acordo com Ortiz (2002, p. 7), que afirma que o choro da criança deve ser entendido como uma linguagem que expressa medo, angústia e a necessidade de se sentir protegida. Dessa forma, o choro, longe de ser interpretado como birra ou resistência desnecessária, constitui-se em comunicação legítima, que sinaliza ao educador a necessidade de acolhimento e de construção de um vínculo afetivo.

Ao observar essa dinâmica, foi possível perceber que a oferta de colo e o contato físico seguro eram fundamentais para o processo de adaptação. Segurar a criança no colo, abraçá-la ou simplesmente permanecer ao seu lado transmitia proteção e confiança, permitindo que ela enfrentasse o novo ambiente de maneira mais tranquila. A presença cuidadosa, ao oferecer esse acolhimento físico, mostrou-se essencial para que as crianças se sentissem amparadas, demonstrando aos poucos curiosidade e interesse pelas atividades propostas na creche.

Com o passar dos dias, observou-se que, à medida que a rotina foi sendo estabelecida, o choro foi diminuindo gradualmente. As crianças passaram a reconhecer os rituais da rotina (Barbosa 2006): almoço, banho, lanche, descanso e brincadeiras, demonstrando maior tranquilidade e confiança. Essa constatação reforça o que Carvalho e Santiago (2019, p. 57) defendem ao afirmar que a rotina é um eixo organizador das práticas pedagógicas, que dá à criança



referências temporais e espaciais. A previsibilidade das atividades contribuiu para que os pequenos reconhecessem a dinâmica do espaço e se sentissem parte do grupo, reduzindo a ansiedade gerada pela ausência dos pais. Assim, a rotina se configurou como um artefato cultural, pedagógico e emocional fundamental para a adaptação, permitindo que o choro inicial fosse gradualmente substituído por expressões de prazer, curiosidade e participação nas atividades, ou seja, o riso.

Outro aspecto relevante foi a postura acolhedora das educadoras². Nos momentos de maior insegurança, elas se mostraram disponíveis para escutar, oferecer colo, cantar músicas ou acolher crianças que traziam de casa objetos de apego, como uma “naninha”, contribuindo para a sensação de segurança emocional durante a adaptação. Essas práticas concretizam o que Ortiz (2002, p. 5) assinala ao dizer que a qualidade do acolhimento define a qualidade da adaptação. O acolhimento diário, desde a entrada da criança até a sua permanência em sala, foi determinante para a construção de vínculos de confiança. Além disso, a presença de uma equipe atenta e disponível possibilitou que os pais se sentissem mais seguros ao deixar seus filhos, essa confiança foi perceptível em gestos de despedidas mais tranquilas e em comentários dirigidos às educadoras, nos quais os responsáveis expressavam gratidão e reconhecimento pelo cuidado oferecido, fortalecendo a parceria entre família e escola. Notei que, essas interações revelaram como pequenos gestos de cuidado físico e emocional podem transformar o ambiente, fazendo a transição do choro inicial para momentos de alegria e engajamento coletivo.

A afetividade também atravessou todo o processo. Em situações nas quais a criança chorava por períodos prolongados, a simples presença do adulto ao lado, oferecendo colo ou segurando sua mão, fazia com que ela se acalmasse e gradualmente participasse das atividades. Cristofolletti e Campos (2016, p. 4) ressaltam que o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor da criança estão interligados, não podendo ser compreendido de forma fragmentada. Isso significa que, ao acolher emocionalmente a criança, o professor cria condições para que ela avance em outras dimensões, como a social e a cognitiva. Assim, os resultados observados no campo de pesquisa confirmam que a afetividade não é apenas um aspecto complementar, mas um princípio estruturante das práticas pedagógicas na adaptação, evidenciando o caminho do choro ao riso como um processo natural de desenvolvimento emocional e social.

Por fim, é importante destacar que cada criança vivenciou esse processo de maneira singular. Enquanto algumas, em poucos dias, já se envolviam nas brincadeiras coletivas, outras

² As educadoras mencionadas neste trabalho atuam como Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADI).



necessitaram de maior tempo e suporte para se sentirem seguras. Rapoport e Piccinini (2001, p. 85) reforçam essa compreensão ao afirmar que a reação de cada criança à separação é singular, variando de acordo com sua história de vida, sua relação com a família e suas experiências anteriores de socialização. Essa perspectiva foi confirmada nas observações, já que o tempo de adaptação variou significativamente entre os pequenos. Esse dado evidencia que a instituição deve adotar estratégias flexíveis, respeitando o ritmo de cada criança e garantindo que todas tenham o apoio necessário para superar as dificuldades iniciais.

Dessa forma, a experiência da estagiária ao acompanhar o processo de adaptação possibilitou uma visão detalhada de como o choro inicial se transforma gradualmente em sorrisos e participação, refletindo a importância do acolhimento, da rotina estruturada e da sensibilidade dos profissionais. O título “Do Choro ao Riso” sintetiza, assim, não apenas uma mudança comportamental, mas também a trajetória afetiva e pedagógica que cada criança percorre ao se inserir em um novo espaço educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de adaptação das crianças pequenas à creche é singular e complexo, envolvendo dimensões emocionais, sociais e cognitivas que se manifestam de maneira diferente em cada criança. A observação participante, realizada sob meu olhar como estagiária, evidenciou que o choro, frequentemente percebido como resistência, é, na verdade, uma forma legítima de comunicação, expressando medo, insegurança e a necessidade de proteção. Com o tempo, e por meio de estratégias pedagógicas adequadas, esse choro dá lugar ao riso, à participação nas atividades e à interação com colegas e educadores.

A pesquisa demonstrou que o acolhimento afetivo, materializado em gestos simples, como oferecer colo, segurar a criança pela mão, cantar músicas ou permitir que ela trouxesse objetos de apego, desempenha papel central na adaptação. Esses elementos proporcionam segurança, fortalecem vínculos e contribuem para que a criança se sinta amparada diante do novo ambiente. Da mesma forma, a rotina estruturada surge como um recurso pedagógico fundamental, oferecendo previsibilidade e referências que ajudam a reduzir a ansiedade e a promover a autonomia dos pequenos.

Além disso, a experiência evidenciou que a adaptação não segue um padrão único. Cada criança percorre seu próprio ritmo, e a instituição deve adotar estratégias flexíveis, respeitando as



singularidades e promovendo um ambiente que valorize o cuidado e o desenvolvimento integral. A integração entre acolhimento, rotina, sensibilidade dos profissionais e participação familiar foi determinante para que o processo de adaptação se realizasse de forma mais tranquila e humanizada.

Dessa forma, o percurso do choro ao riso reflete não apenas a superação da insegurança inicial, mas também a construção de vínculos afetivos e de confiança com o ambiente escolar, reforçando a importância de práticas pedagógicas que considerem as necessidades emocionais das crianças. Este estudo, ao relatar o olhar da estagiária que acompanhou o cotidiano da turma, contribui para a reflexão sobre como a afetividade, o planejamento e o cuidado podem favorecer uma adaptação mais segura e significativa, consolidando a creche como um espaço de aprendizado, acolhimento e desenvolvimento integral.

ISSN: 2358-8829

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à Profa. Dra. Maria Jaqueline Paes de Carvalho, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Ded/UFRPE), por ter aceitado com tanto carinho e dedicação o convite para orientar este trabalho. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Jaqueline Paes de; SANTIAGO, Maria Eliete. **Adaptação nas salas de educação infantil: quando e como tudo começa!** In: AQUINO, Denize Tomaz de; SILVA, Josaniel Vieira da (orgs.). As culturas da infância: o prescrito e o vivido na realidade da educação infantil. Recife: EDUFEPE, 2019.

CARVALHO, Maria Jaqueline Paes de. **Currículo e prática pedagógica na educação infantil** / Maria Jaqueline Paes de Carvalho. – Recife, 2019. 327 f. : il.

CRISTOFOLETTI, Rita de Cássia; CAMPOS, Priscila de. **O processo de adaptação da criança na creche: seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor.** Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino, n. 1, nov. 2016.



ORTIZ, Cisele. **Adaptação e acolhimento: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição.** São Paulo: Instituto Avisa Lá, 2002.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. O **ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001.

ISSN: 2358-8829

